

POVO DE AVEIRO

SEMAMARIO REPUBLICANO

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO
EDITOR, João Pinto Evangelista

Numero 2

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1200 réis. Semestre, 600. Fora de Aveiro, um anno 1300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2500. Semestre, 1300 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 30 réis. Anuncios, cada linha, 25 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

1.º ANNO

DREYFUS

Está quasi no fim o grande drama. E de todas as scenas decorridas tem-se podido avaliar mais uma vez a buixeza, a espantosa buixeza d'isso que se chama a canalha humana!

A canalha humana! A horrrosa e pavorosa canalha humana!

A canalha humana, que não é a de pé descalço ou a de pé calçado, mas a de alma rasteira e vil. A canalha humana que é de todas as edades, de todas as classes, de todas as gerarchias, de todos os paizes do mundo, essa canalha cosmopolita que nós sentimos ulular desde a mais infima aldeia até á mais opulenta cidade, que topamos a todas as esquinas, que acotevelámos em todos os pontos de reunião, sempre prompta a columniar, a mentir, a infamar, a embargar o passo á Justiça, a embarçar a marcha da Virtude, travão do progresso, trambolho da civilização, serpente venenosa a morder a innocencia, abutre de garras fedorentas exaltando o vicio.

Quem ousa dizel-a da França? Ah! como ella se avanta entre os proprios que do mundo inteiro a estão agora insultando na França! E' a canalha que se chama canalha. E' a infamia que insulta a infamia.

Vão n'esses gritos, que se erguem de todo o mundo contra as torpezas do drama que se desenrola em França, muitos gritos de consciencia honesta. Mas vão ahi tambem muitos nivos de chacal, d'aquelles que fariam o mesmo, em circumstancias identicas, que estão fazendo as bestas feras e sanguinarias da França.

Eu conheço-os. Conheçemo-los nós todos. Elles abundam. Insultaram Christo na queda, insultaram e insultam Dreyfus na desgraça, mordem e empeçonham sempre, para o que basta, apenas, açal-os, instigal-os, mandal-os.

Os miseraveis! E como é doloroso ao homem bom reconhecer que o seu semelhante é, por via de regra, mau e perverso! E como estão longe, senão são uma mentira eterna, como já vou crendo, esses ideaes de fraternidade que as escolas avançadas preconizam e defendem!

Os miseraveis! Os grilhetas! Não purifiquem a humanidade com principios. Purifiquem-na com as galés. Não é possível? Não pôde a centessima parte da humanidade fiar de guarda aos facinorás, seus irmãos, de grilhetas ao pé e chicotada no lombo?

Paciencia. Não enganem ao menos as almas ingenuas e simples com palavrões mentirosos e ocios.

Para mim, o que resalta nido de toda a questão Dreyfus é que o homem, o rei da criação, o tal que foi feito á imagem e semelliança de Deus, é um grande canalha, um grande infame. O infimo canalha que, não julgando sufficientes os martyrios do seu irmão em Jesus Christo, se soffria as ultimas torturas na gaiola da Ilha do Diabo, ainda lhe passava pelos labios resequidos de soffrimento e dôr o fel ardente d'uma supposta deshonra da santa mulher que elle julgava o seu anjo da guarda ao longe, santa mulher sobre a qual ainda hoje a fera humana vomita os dejectos da sua alma vil, da sua alma porca, da sua alma fedorenta.

E foi feito á imagem e semelliança de Deus, este canalha!

Adeus utopias. Adeus maluqueiras da minha vida de visionario. Eu bem o vejo, o meu irmão em Jesus Christo. E' um malandro que a toda a hora me aperta a mão e a toda a hora me cospe peçonha. Está em Rennes, está em Aveiro, está no universo inteiro. E' o que abunda. E' o que pullula. E d'ahi esta convicção horrorosa, pavorosa, mas verdadeira, comtudo:

O homem, por via de regra, é um grande infame.

O homem, o tal que foi feito á imagem e semelliança de Deus, —lá está elle, em França, toucado e de batina, em peso contra Dreyfus—o tal que é meu irmão em Jesus Christo, é, por via de regra, um grande canalha. Canalha, infame!

Eis a que vieram dar as minhas tristes illusões sobre a liberdade, a egualdade e a fraternidade.

Pobre de mim.

A partir d'amanhã a carta de saude será obrigatoria em França para os navios procedentes de portos portuguezes e hespanhoes.

MEDIDAS HYGIENICAS

Anda-se procedendo á limpeza da cidade. Ainda ha por ahi muito que fazer e remediar se a boa vontade dos dirigentes d'esta terra se não desleixarem, como succede quasi sempre, n'esta hora suprema.

Ha por ahi viellas e bairros immundos, que são um constante foco de infecção. A viella de S. Pedro, por exemplo, quasi no coração da cidade, está quasi sempre cheia de quantas immundicies os visinhos lá queiram depositar.

E' necessario que a policia ponha cobro a isso, multando para a frente os transgressores sem dó nem piedade, porque a necessidade do momento assim o reclama.

Acima de tudo está a saude dos habitantes. Andar para a frente.

E' deploravel que só se lembrem de Santa Barbara quando dão trovões. Foi preciso que viesse a peste para que em Aveiro se procedesse ao serviço mais elementar e de hygiene publica.

Que relaxamento, que relaxamento!

E agora mesmo, ou nos enganamos muito, ou esse serviço vae deixar muito a desejar.

A feira dos 25, que se realisa n'esta cidade, foi, no geral, pouco concorrida.

Cartas d'Algueres

24 D'AGOSTO.

Bem dizia eu, escrevendo para o defuncto *Journal de Aveiro*, que o mariola que tentou assassinar Robespierre, o famoso barão de Merda, era da patria do Antão. E, repito o que disse n'esse momento, não quero que os leitores julguem que ando aqui a inventar nomes que o uso considera pouco decentes. Não obstante o meu realismo, respeitarei, até onde a conveniencia publica o permitir, os usos em vigor.

Mas barão de Merda é um nome historico, é um nome authentico como o prova Aulard, que, a paginas 289 do seu excellente livro *Etudes et legons sur la Revolution Française*, diz, em nota, o que eu já transcrevi no *Journal de Aveiro* e repito agora por causa das duvidas:

«Il s'appelait réellement Merda, comme l'attestent, dans la collection de M. Etienne Charavay, diverses signatures émanées de membres de sa famille. Un de ses compagnons d'armes, le commandant Victor Dupuy, dit dans ses *Souvenirs inédits*, que, sous l'empire, «il se pourvut devant le conseil d'Etat pour faire un changement à son nom.»

E que o barão de Merda era de Aveiro—estou mesmo em crer que foi elle que deu aos cabecinhas, bichezas e quejandos o nome de cagarões,—está provado, não só por successivos factos, que seria longo enumerar, como é de estylo dizer-se, mas ainda pela merdica do novo D. Magriço do Pharol da Barra, o Cabecinha, merdica que foi o encanto das damas e o enthusiasmo dos homens.

E' o caso que indo um amigo nosso, supposto auctor d'estas cartas, a tomar banho, appareceu-lhe, no preciso momento em que esse amigo, com o traje proprio, ia a entrar no mar, um cara d'asno, e nunca o termo foi mais proprio do que agora, com o proposito, ao que se diz, de vingar a honra de certas damas, que eu, por ventura, ultrajei na ultima carta.

Ora um Magriço a vingar a honra das damas n'um homem vestido com fato de banho, ao pé das mesmas damas de figura grotesca, que o são quasi todas—perdoem n'os suas excellencias—quando vão a mergulhar nas salsas ondas, é uma heroicidade de barão de Merda em terceira geração.

Escusam de procurar, que é só isto.

Comtudo, o acto agradou, ao que parece, ao sexo bello e feio, ou, antes, á canalha dos dois sexos, que

apregoa a valentia de D. Magriço como a setima façanha das cavallarias aveirenses. Pois não tem a canalha com que se alegrar. A sexta façanha das cavallarias aveirenses foi a da mulher do Antão. Ora quem ficou agora por baixo, depois de ter levado uma bofetada por cima, foi o D. Magriço. O nosso amigo montou-o. Logo... logo... não sei se sabem, D. Magriço não merece a coroa de louros que lhe querem dar! Este é o facto.

Mas o Magriço mordeu o cavalleiro n'um dedo e roçou-lhe as unhas pela cara. Pois bem. Mas isso o maia que poderia dar-lhe era titulos a burro bravo. Se ha gloria, é para quem, não obstante a braveza do bicho, conseguiu montar uma almarina de tal ordem. Pois não é assim, cavalleiros?

Oh! A que veio ter a raça dos heroes da India!

Quando eu era rapazito, todos nós, nas nossas luctas, troçavamos do garoto que mordia e arranhava. E' cão, é cão; é gato, é gato, diziamos; raça de homem, nunca. Morder, arranhar, era para nós deprimente, senão vergonhoso n'um garoto. Agora, eis um garoto elevado ás glorias de D. Magriço porque vingou a honra das damas com uma dentada n'um dedo e duas levissimas unhas, duas beliscaduras,—que nem unhas a valer ellas foram—na cara do seu adversario.

Ao menos o barão de Merda, o illustre fidalgo de Aveiro, foi com um tiro,—que não deu, porque está provado que o frimento de Robespierre foi uma tentativa de suicidio, mas que disse ter dado, intrujando os inimigos do celebre dictador,—ao menos o barão de Merda, o primeiro ascendente dos cagarões de Aveiro, foi com um tiro, ou com a intrujica do tiro, que conseguiu guindar-se á gloria, a qual não foi tamanha, no entanto, que elle não ficasse barão de Merda para toda a sua vida. Os seus merdoiros descendentes é á dentada e á unhada, e isso mesmo com dentes e unhas de papelão, que illusram a familia e augmentam as armas da casa.

Antes á marrada, caras do diabo! Talvez fosseis, assim, mais de temer.

Mas que dizer da circumstancia do nosso amigo ter montado o D. Magriço, e de o ter montado solidamente, segurando o pelas guellas, tão solidamente, que foram necessarios dois homens para o desmontar? Este é o caso.

Um D. Magriço em pé, é um D. Magriço em prosa. Já não pôde haver poeta que o cante. Um D. Magriço em pé mordendo e agatanhan-

(2)
FOLHETIN
IVANHOÉ
ROMANCE POR WALTER SCOTT
CAPITULO I

notas igualmente melodiosas, não se apressavam a deixar o sumptuoso banquete de bolotas e fructas das fadas que os engordavam nem a abandonar as margens paludosas do riacho, onde muitos d'elles, encharcados até meio corpo, se deixavam ficar estendidos á vontade, sem fazer caso algum da chamada do seu guardador. —A maldição de S. Withold caía sobre elles e sobre mim! tornou Gurth; se o lobo de dois pés não me apanhar alguns antes de anoitecer, eu não sou

um homem. Aqui, Fangs! Fangs! berrou elle com toda a força dos seus pulmões a um cão de pello hirsuto, semelliante a um lobo, meio mastim, meio galgo, que corria, coxeando, em varios sentidos no intento de ajudar o seu dono a juntar os porcos recalcitrantes; mas o cão, de facto, ou por não comprehender os sinais do pastor ou por ignorancia dos seus deveres ou ainda por malicia, perseguia-os em diversas direções e augmentava o mal que parecia querer remediar. Os diabos lhe partam os dentes! disse Gurth, e que o espirito do mal confunda o conteiro que corta as minhas dianteiras aos nossos cães (1), dei-

(1) Um dos mais iniquos abusos d'esses tempos lastimosos eram as leis das montarias. Esses decretos oppressivos eram um producto da conquista dos normandos, pois que as leis saxo-nias sobre a caça eram do-ces e humanas, enquanto que as do rei

xando-os impossibilitados de cumprirem as suas obrigações! Wamba, levanta-te e ajuda-me, se és um homem; vae de roda do outeiro para lles tomares a dianteira, e depois elles irão atraz de ti como uns cordeirinhos.

—Olha! respondeu Wamba, sem mudar de posição,—eu consultei as minhas pernas sobre o assumpto, e ambas ellas são de opinião que expór o meu lindo fato por esses atolei-os

Guilherme, entusiasticamente apaixonado por esse exercicio e defensor dos seus direitos, eram tyrannicas ao mais alto ponto. A formação da Nova Floresta, que é uma prova evidente da sua paixão pela caça, reduziu um grande numero de aldeias flo- rescentes ao estado d'aquella que o meu amigo sr. William Stewart Rose comemo-rou n'estas palavras:

«Entre as ruínas da igreja o corvo en- contra de noite um avylo melancolico e implacavel conquistador, que merece um

acto de deslealdade á minha soberana pessoa e ao meu real guarda-roupa. Por conseguinte, Gurth, aconselho te a que chames Fangs e deixes os porcos entregues ao seu destino; se encontrarem um bando de soldados em viagem, ou de outeiros ou de peregrinos errantes, o que lles pôde acontecer é serem convertidos em normandos até amanhã cedo, o que não será pequena commodidade para ti.

— Os porcos mudados em nor-

premio, destruiu uma pequena cidade para alargar a aria das suas caçadas. (O original é em verso.—N. do tr.)

Os cães, que podiam ser necessarios para guardar o gado grosso e miúdo, o que se inutilisavam para a caça, tinham o nome de *lawing* (Permittido pela lei—N. do tr.); e o seu uso era geral. A Carta de montarias, destinada a snavizar esses males, declara que a inspecção dos cães *permitted* teria lugar de tres em tres annos e seria executada por homens da lei e não outros;

mandos para minha commodidade! exclamou Gurth. Explica-me lá isso, Wamba; que a minha cabeça é muito dura e o meu espirito está muito mortificado para advinhar enygmas.

— E' muito simples: como chamas tu esses animaes que vão a grunhir correndo nas suas quatro patas? perguntou Wamba.

— Porcos, doido, porcos, respondeu o pastor; não ha doido nenhum que não saiba isso.

que os donos dos cães que não estivessem em harmonia com a lei pagariam tres shillings de multa e que de futuro não poderia ser apprehendido nenhum boi para pagamento da mesma. Aquella operação devia ser feita seguindo os preceitos estabelecidos pelo uso, o que mandavam cortar tres das unhas da planta da pata direita. Veja-se sobre este assumpto o Ensaio historico sobre a *Magica Carta* do rei João (um bello volume) por Richard Thompson.

(NOTA DO AUCTOR.)

do, não é Magriço, é fargola. Mas um D. Magriço mordendo e agatando aquelle que se lhe assentou solidamente em cima, nem chega mesmo a ser burro de Magriço, que este montou um nobre animal chamado cavallo. É a quinta essencia do titulo do barão.

Escusam as damas de lhe tecer cordas de louro, porque é louro mal cheiroso, e os cavalheiros de lhe apregoar as façanhas, que o não admitta a sanidade publica nos tempos que vão correndo.

O caso, falando sério, mette-me um certo nojo, mas serve-me admiravelmente para a these que trago em mãos. Eu acho naturalissimo que um sujeito se desforçe de qualquer offensa. Se procura um desforço pela lucta pessoal, não ha desdouro nenhum para elle, nem para o seu adversario, sejam quizes forem as consequências do combate, desde que ambos se mantenham n'uma atmosphera de dignidade. Só a canalha aquilata o valor pelo edo. Nem o valor physico, quanto mais o moral, se deduz do triumpho ou da derrota, que dependem de circumstancias varias e muito contingentes.

Mas quando esse desforço é tomado sem motivo justificado, ou sem seriedade, quando é uma simples fanfarronada, quando é pretexto para apregoar serviços, ou provoca a indignação, se tem consequências sérias, ou o riso, se é uma palhaçada como no caso em questão.

Que seriedade pôde haver n'um homem que vai provocar outro, estando este em trajes de banho, e n'um local onde as consequências seriam necessariamente insignificantes?

Nenhuma. O pelintra, que tal pratica, está abaixo de toda a critica.

Ha n'isso uma manifesta covardia.

Primeiro, porque um ataque em taes condições é um verdadeiro ataque por surpresa, que actua como tal, e ataques d'esses não se permitem em combates singulares. Não me consta que algum se houvesse lembrado jámais de esperar outro á sahida, para o mar, d'uma barraca de banho.

Segundo, porque realisando-se o ataque n'um meio profundamente favoravel ao atacante, ao pé d'uma sociedade com quem o atacado nunca quiz relações, o pandilha tinha segura esta saída: ou dava e deixavam-no dar, ou preparavam-se as coisas para elle levar e não o deixavam levar, como realmente succedeu, o que foi pena, porque o malandrete não tornaria a morder, pelo menos, em ninguém.

E note-se que não dizemos isto por amor proprio, que seria ridiculo. Já dissémos que só a canalha aquilata, em scenas de pancada, o valor dos homens pela circumstancia de dar ou levar. Podem-nos amanhã quebrar a cabeça, que nem chegaremos a querer mal por isso a quem o fizer, se o fizer com motivos e com lealdade. O grande valor do publicista, do escriptor, do jornalista, está exactamente em correr esses riscos, e outros maiores, sem por isso depôr a penna, desviar o seu rumo ou dar por finda a sua missão civilisadora e justa.

Mas qual foi a origem do conflicto? A minha ultima carta, diz-se, onde eu desci a actos da vida particular de qualquer pessoa.

Mas eu não falei em actos da vida particular de ninguém! Foi a minha referencia ás damas montadas

em tender? Mas isso é um acto de via publica. Pois eu já não posso criticar os usos e costumes, entre os quizes está esse modernissimo das damas de Aveiro andarem em bicyclettes e tanderes?

Pois eu não posso escrever que gostava mais de as vêr a coser feijões ou as cereolas do marido, a administrar cuidadosamente o seu ménage, não sendo nenhuma d'ellas duqueza nem millionaria, e então não lhes chegaria o tempo para pandegas, do que a dar a perna no cavallinho da moda? Pois eu não posso dizer que o pretexto com que certas damas lançaram á margem o seu marido e pae, o pretexto que deram nos tribunaes, tornando assim publica uma questão privada, não foi realmente aquelle que invocaram?

Quem me pôde contestar esse direito? Quem pôde, com razão, affirmar que estes casos de rua não pertencem ao dominio da discussão e da critica? Além d'isso dá-se a circumstancia de não ser o *Cabecinha*, o imbecil pelintra que não tem auctoridade nenhuma para se arvorar em campeão das damas, quem eu vi em cima do tender a dar a perna com a dama criticada. Que espirito reservado levou o mariola a sahir a campo, se não foi elle que eu vi e nem sequer n'elle pensei? Que plano mysterioso lhe foi a minha leve referencia comprometter ou escangalhar, para o imbecil se estomagar aquelle ponto?

Mas não é tudo.

Em moral, em justiça, mesmo nas nossas leis de convenção, não ha differença entre vida publica e particular senão até certo ponto. Ninguém tem o direito de fazer o que quer portas dentro sem dar satisfações á sociedade. No exercito, por exemplo, e em todos os exercitos do mundo, uma das obrigações do chefe é informar todos os annos, e com certas inuicias, da vida particular dos seus subordinados. Ainda ha pouco, na divisão militar a que pertence Aveiro, foi um coronel, por ordem do ministerio da guerra, averignar das condições de ménage d'um tenente coronel, accusado de viver com uma senhora casada com escandalo publico.

Eis ahi. Ninguém leva o catonis mo até ao ponto de exigir a perfeição. Mas ha irregularidades e desvios que se permitem e outros que não se permitem. Não se permitem aquelles que estão nos taes casos de escandalo publico, os que offendem a moral, até a perturbar e prejudicar.

Bem sabemos que o *Cabecinha* é um asno, um parvo alegre, sem imputação, que nem sabe nem se importa com estas *philosophias*. Nem por isso ellas deixam de ser verdadeiras e exactas.

Nós não entrámos na vida particular de ninguém. Apenas fizemos referencia, e leve, e sem precisar nomes, a um caso que foi para os tribunaes, tornando-se assim publico e bem publico. Mas talvez que devíamos entrar, porque não ha hoje em Portugal sociedade mais dissoluta, mais devassa, mais pelintra, que certa sociedade aveirense, a ponto d'um homem de merecimento me dizer ha dias: «Se eu não tivera confiança na minha mulher, já teria fugido d'aqui.»

Sim, nós não entrámos ainda na vida d'essa sociedade, aliaz e felizmente restricta, d'essa sociedade que sempre considerámos desprezível, da qual

nos afastámos systematicamente desde rapaz, porque nunca podemos vencer a repugnancia que a sua baixezza intellectual e moral nos produziram. Sociedade em que não são raras as scenas dissolutas de romance barato. Não entrámos n'ella. Mas bem pôde ser que entremos em breve.

A vida particular! Era commodo que cada um fizesse aquillo que entendesse. Os anarchistas lá querem chegar. Mas não chegaram ainda. Por enquanto a convenção é outra.

O amor livre, que os libertarios proclamam, é um acto da vida particular. Contudo, as sociedades actives não o permitem e sujeitam-no a registo e policia especiaes quando elle vae além de certos limites.

Ai de nós se cada um fizesse em sua casa o que entendesse e ahi constituisse á vontade focos d'infeccão. Succedia como na peste. O mal irradiava e ás duas por tres invadia tudo.

Ora a prostituição tambem é uma peste bem boa.

Não. O homem é livre dentro da sua casa, bem como a mulher, mas sem faltar ás condições do pacto social em que vive. E uma d'essas condições é não sahir dos principios geraes d'uma coisa que se chama moralidade publica.

As prostitutas tambem apregoam a liberdade da prostituição. E essa liberdade dá-se-lhes, mas depois de expulsas do convivio moral e honesto.

Eis o caso.

Uma parte da sociedade aveirense vive na mais profunda dissolução. Assiste aos outros o direito e até o dever de exclamar:

«Alto lá. Isso é um contagio. O exemplo que os senhores estão dando, e vossas excellencias, minhas senhoras, é funestissimo á boa ordem e decoro das familias. Esse exemplo que os senhores homens estão dando de libertuagem, esse exemplo que as senhoras mulheres estão dando de pessimas esposas, de pessimas mães, de pessimas donas de casa, pôde influir no animo dos nossos filhos e das nossas filhas ou abalar mesmo o caracter das nossas esposas, d'aquellas em quem o juizo seja menos seguro ou o animo menos forte. E, então, venha em nosso auxilio a vassoura da limpeza publica, quando não possa vir o proprio *Codigo Penal*.»

Tem a grande maioria da sociedade aveirense, que é honesta, a grande maioria de todas as classes, offendida por uma minoria desprezada, cynica, audaciosa, não só o direito, como o dever de dizer isso. E se para tanto fôr preciso entrar na casa particular d'algum entra-se, como se entra na casa d'um pestifero. E se para tanto fôr preciso agarrar pelas orelhas uma aventureira, um D. Juan vadio, um souteneur amoroso, trazelo para a rua e expolo á troça ou á indignação publica, agarra-se, traz-se e expõe-se.

Pela nossa parte, saberemos sempre distinguir, entre os chamados actos da vida particular, aquelles que se respeitam e aquelles que não se respeitam. E d'estes diremos sempre o que nos aprouver, com absoluto desprezo de todos os Magriços, *Cabecinhas* ou não, e das suas comicas e ridiculas investidas e ameaças.

hesitado muito, unicamente para podermos supportar os fardos com que nos carregaram as costas. O que ha de mais fino e de mais gordo é para a mesa d'elles; o mais bonito para a sua cuna; o melhor e mais valente vae alistar se nas fileiras das suas tropas e branquear terras distantes com os seus ossos, não deixando quasi ninguém que possa ou queira proteger os infelizes saxões. Deus abençoe o nosso amo Cedric, que se portou como um homem deixando-se ficar sobre a brecha. Mas Reginaldo Testa-de-Boi vem ahi para o cantão em pessoa e dentro em pouco havemos de ver que proveito tira Cedric dos incommodos que tem tido.—Aqui! aqui, Fangs! bradou elle novamente, levantando a voz. Sim, senhor, meu rapaz, trabalaste bem; juntaste o rebanho e trazel-o adeante de ti como um valente.

— Gurth, disse o bobo, vejo que

me julgas um doido, aliás não serias tão imprudente que metteses a cabeça dentro da minha guela. Se eu dissesse a Reginaldo Testa de Boi ou Philippe de Malvoisin algumas das palavras que preferiste contra os normandos—serias um homem condemnado, irias balouçar-te n'uma d'estas arvores para escarmento de todos os que digam mal dos grandes dignitarios.

— O' cão! tu serás capaz de me trahir, exclamou Gurth, depois de me teres excitado a falar tanto em meu prejuizo?

— Trahir-te! respondeu o bobo; não! Isso seria uma partida de homem sensato; um doido não sabe ajudar-se tão bem a si mesmo. Mas, espera lá, quem temos nós por ahi? acrescentou elle, prestando ouvidos ao estrepito de muitos cavallos que n'aquelle momento começava a ouvir-se.

— Gurth, disse o bobo, vejo que

me julgas um doido, aliás não serias tão imprudente que metteses a cabeça dentro da minha guela. Se eu dissesse a Reginaldo Testa de Boi ou Philippe de Malvoisin algumas das palavras que preferiste contra os normandos—serias um homem condemnado, irias balouçar-te n'uma d'estas arvores para escarmento de todos os que digam mal dos grandes dignitarios.

— Gurth, disse o bobo, vejo que

Quanto mais investirem, mais lão de ouvir e levar.

A. B.

Falleceu na quarta-feira, em Oliveira do Bairro, Antonio Vinagre, natural de Aveiro, muito conhecido aqui pelo seu genio folgazão e franqueza de character.

Contra a peste bubonica.— Prescripções medicas

O medico hespanhol sr. dr. Verdes Montenegro publicou em Madrid as seguintes prescripções sanitarias, que foram profusamente distribuidas n'aquella cidade:

Asseio individual: 1.º—Recomenda-se a todos o maior asseio de suas pessoas e roupas. Os que não possam banhar-se diariamente devem lavar todo o corpo com a maior frequencia possivel.

2.º—As mãos e cara devem ser lavadas todos os dias, as primeiras especialmente, antes e depois das comidas.

3.º—Deve se evitar: arranha duras, picadas, feridas, contusões, etc. Quando se produzir algumas d'estas lesões é necessario lavar a demoradamente e cobri-la com algodão em rama.

4.º—A roupa branca, blusas de trabalho, lenços, etc., devem ser lavados com frequencia.

Alimentação: 1.º—Evitar-se ha o uso de alimentos em mau estado de conservação.

2.º—A carne e o peixe devem ser comidos immediatamente depois da cozinhados.

3.º—O pão, as fructas, todo o alimento, enfim, que se toma sem preparação prévia, será conservado em cestos ou saccos perfeitamente limpos. As fructas serão além d'isso lavadas.

Habitações: 1.º—Procurar-se ha manter a maior limpeza nas habitações, empregando, de preferencia, para os sobrados e paredes estucadas o panno humido.

2.º—Evitar-se ter dentro de casa roupa suja, devendo lavar-se logo que se deixe de usar, a roupa interior, a dos leitos, das cozinhas, blusas, etc.

3.º—Deve proceder-se á destruição de toda a especie de insectos e vigiar a rigorosa limpeza dos animaes domesticos que, com tanta frequencia, os albergam.

Cuidado aos enfermos: 1.º—A peste costuma começar por catarrhos, dores de cabeça, vomitos, enjôo, inflammação dos olhos e respiração difficil. Poucas horas depois apparecem bubões dolorosos nas verilhas, debaixo dos braços e no pescoço.

2.º—A familia deve fazer deitar o doente n'uma habitação ventilada e com uma só cama e chamar immediatamente o medico.

3.º—Será encarregada de tratar do enfermo uma pessoa só, e impedir-se a entrada no quarto a todas as outras e, especialmente, ás crianças.

4.º—A pessoa que trata do enfermo evitará o contacto com as restantes e não lhes entregará nem receberá d'ellas objecto algum sem previamente lavar as mãos com sabão e agua quente.

5.º—Todos os objectos que tenham estado em contacto com o enfermo devem submergir-se, por espaço d'um quarto de hora, em agua a ferver, antes de lhe tocar qualquer pessoa, além da encarregada do doente. Igual precaução se deve ter com as roupas antes de as dar a lavar.

QUESTÕES LUCIANS

Percebe-se muito bem a attitude do sr. dr. Alvaro de Moura na camara municipal de Aveiro. S. ex.ª não quer estar de mal com o sr. Mattoso nem com o sr. José Luciano e como o sr. Mattoso e o sr. José Luciano não consentem que se proceda contra o secretario da camara, s. ex.ª sacrifica o decoro proprio e o da camara a essa desgraçada conveniencia.

Ora não pôde ser. Ha de s. ex.ª mesmo concordar que não pôde ser.

Não temos o minimo proposito de hostilisar o sr. dr. Alvaro de Moura. Pelo contrario, a nossa vontade seria animal-o, appoiar-o, como temos feito em outras occasiões, e animal-o e appoiar-o já por s. ex.ª ser um homem limpo —e não ha muitos n'estas condições nos negocios publicos de Aveiro—já porque sempre entendemos que era má politica desorganisar as forças adversas á bicharia da Vera-Cruz, sempre perigosa, não pelo valor proprio, que não é nenhum, mas pela indifferença e tradicional desanimo dos adversarios.

Mas é o sr. presidente da camara quem não acceita a nossa boa vontade, nem admitta os nossos patrióticos intentos. O sr. dr. Alvaro de Moura vae-se collocando tão mal deante da opinião publica que obriga a falar-lhe, com seriedade e energia, não só os que, tendo em mira os interesses da justiça e do bem publico, achavam conveniente manter a colligação que representa a maioria da camara municipal de Aveiro, como os proprios amigos de s. ex.ª, que murmuram e protestam por toda a cidade.

De resto, isto era de desconfiar, attenta a singularissima situação do sr. dr. Alvaro de Moura. O sr. José Luciano e o sr. Mattoso não querem pôr de parte, por motivos que elles sabem e nós tambem, os herdeiros do *Lampeão*, embora particularmente digam d'elles as verdades mais duras e sangrentas. Querem mesmo manter na chefatura local da politica progressista um d'esses herdeiros. Ao mesmo tempo querem aproveitar os votos do sr. Alvaro de Moura. Por isso, ao

— Pouco me importa, disse Gurth, que tinha reunido o seu rebanho e que, com a ajuda de Fangs, o guiava para uma das extensas avenidas que tentámos descrever.

— Nada, eu preciso de ver os cavalheiros, disse Wamba; pôde ser que venham do paiz das fadas com uma mensagem do rei Oberon.

— Os diabos te levem! retorquiu o pastor. Como é que tu tens vontade de falar em semelhantes coisas quando uma trovoadra medonha anda a algumas milhas de nós? Não ouves como retumbam os trovões? Eu nunca vi uma chuva de verão cair das nuvens em gottas tão largas e tão grossas; e, não obstante a tranquillidade do ar, os carvalhos gemem e as suas grandes pernas rangem annunciando uma tempestade. Tu das ouvidos á razão quando queres; pois acredita-me d'esta vez: vamos para casa au-

— E porco (1) é bom saxão, replicou o bobo; mas como chamas tu o porco quando elle está morto, aberto, cortado em quartos e dependurado pelos pernis, como um traidor?

— Carne de porco, respondeu Gurth.

— Estou muito satisfeito: não ha doido nenhum que não saiba isso, disse Wamba; e carne de porco (2), julgo eu, é bom franco-normando; quer dizer, emquanto o animal vive e está confiado á guarda de um escravo saxão conserva o seu nome saxão; mas torna-se normando e chama-se carne de porco quando é levado para a sala do castello para ser saboreado pelos nobres. Que dizes a isto, amigo Gurth? Hein?!

(1) Swine.

(2) Pork, do francez porc. Ha aqui um jogo de palavras impossivel de traduzir.

par e passo que vão entretido o sr. Moura a dizer-lhe mal os outros, vão dando a estes toda a supremacia, impedindo que nelle leve por deante qualquer resolução da camara, prejudicial ou, mesmo, desagradavel aos seus apuniguados.

Ora esta situação é verdadeiramente insustentavel. Napolitica de Aveiro, e uma vez que o sr. José Luciano colloca o sr. Barboza de Magalhães á frente d'ella, não ha senão um caminho: ou ser dos firmimos ou ser contra elles. A situação dubia do sr. presidente do municipio, alén de ser indecorosa para s. ex.^a como o seria para qualquer homem na mesma situação, alén de ser menos leal para com os verdadeiros que tem apoiado o sr. Moura, é prejudicialissima aos interesses locais em particular e á justiça em geral.

O sr. presidente da camara tem abertos na sua frente tres recursos:

Ou passa a militar francamente no grupo adverso, desde que, repetimos, na politica local não ha senão firmimos e inimigos dos firmimos; ou faz francamente causa commum com os firmimos; ou vai para a sua casa tatar dos seus negocios, deixando os cargos publicos áquelles que possam ou queiram assumir uma attitude declarada e franca.

Na certeza de que a opinião publica não lhe consente por mais tempo a conducta pouco airoza que s. ex.^a tem seguido até hoje.

No fim de contas esa camara representa o maior ogro, o maior codillo que os aveirenses tem soffrido nos últimos annos. Toda a gente esperava d'ella uma attitude resoluta e firme e no fim de contas tem sido um joguete dos interesses e conveniências d'uns caciques progressistas, reles e mesquinhos como todos os caciques actuaes, porque isto vai descendo em tudo, até no caciquismo.

Não pôde ser.

E voltaremos ao assumpto.

As campanhas das bicyclettes fizeram: catalim, catalim, catalá, catalá e o carneiro fez: mé, um mé prolongado que até assustou as creancinhas que dormiam nos berços o somno innocente dos justos.

Foi na noite da trovoadá e do tremor de terra.

A ultima feira de Cantanhede foi assignalada por uma pavorosa trovoadá e granizo que poz tudo em debandada.

tes que a tempestade tome maiores proporções, porque nós vamos ter uma noite horrorosa.

Wamba pareceu sentir a justiça d'este alvitre e acompanhou o seu companheiro, que se poz a caminho depois de ter apanhado do chão um comprido varapau. Este seguindo Eumeu começou a andar a largos passos pela clareira da floresta, impellido adiante de si, com o auxilio de Fangs, todo o seu rebanho, que ia saltando grunhidos discordantes.

II

Era um frade, mestre em fradaria, um cavalleiro amante da caça, um homem possante, digno de ser abade, e que tinha nas suas cavaliarias magnificos cavallos de pello lustroso; e quando

A sformigas e a peste bubonica

De uma correspondencia de Lisboa, para o *Commercio do Porto*:

Lisboa está n'um perigo tremendo se a peste cá vem, não tanto pelas pulgas e demais insectos que n'este rigoroso estio, conforme asseveram os melhores auctores, tem soffrido grande devastação, mas uma praga de formigas pequenas que invadiu a cidade e seus suburbios de um modo verdadeiramente phantastico e aterrador. São de myriadas as colonias que atacam não só as dispensas e fructeiras, senão também qualquer ponto da casa onde presintam a existencia de algum acepipe que lhes agrade ao paladar. Ainda mais: vão as endemoninhadas ter com as pessoas á cama e mordem nellas desalmadamente, preferindo para seu repasto os cantos dos olhos e da bocca.

Esta formiga não é como a da fabuia, que industriosamente arranjava o seu farnel para o inverno; a previdente desapareceu completamente dos colleiros, segundo também affirma a gente do campo. Esta não acarreta nada consigo; vive *cau jour le jour*, atacando em massa tudo que se lhe depara e pôde matar-lhe a fome insaciavel.

Ha confeitarias em Lisboa que tiveram de retirar os doces das vitrines, porque a vista que elles apresentavam ao publico, negros de forragas, era mais repugnante do que tentadora.

Ora, digo eu — se a peste cá vem e as formigas acomettem os ratos contaminados e veem depois banquetear-se na nossa dispensa e no nosso corpo, não escapa ninguém e a capital passa em poucos dias a ser habitada unica e exclusivamente pelos taes animaesinhos.

Lembrámos ao nosso amigo José Bernardes da Cruz uma photographia primorosa: o D. Quichote, de guarda-pó, chapéo de palha na cabeça e o carneiro pela corda.

O amigo José Bernardes, não perca aquillo, que queremos mandar arranjar um cliché!

Ande lá, que lhe pagamos pela photographia o que quiser.

Recebemos da Dinamarca a seguinte circular:

Aos operarios de todos os paizes

CAMARADAS!—Emprehendo o monstruoso lock-out, ha tres mezes, pelos patrões colligados da Dinamarca, e que comprehendem pouco mais ou menos 40:000 operarios, ameaça agora estender-se a mais de 10 ou 20:000 trabalhadores, de maneira a contar perto de 60:000 operarios syndicalos.

Como sabeis, o fim dos capitalistas dinamarquezes é paraly-

sar o movimento syndical dos operarios do paiz de maneira a esmagar a sua organização. Mas sabendo a impossibilidade que haveria na Dinamarca em fazer voltar disposições legislativas restringindo a liberdade de associação, chocaram a infernal manobra de reduzir, arrastando-os á fome, bem como a suas mulheres e filhos, os operarios federais a aceitar condições que tornariam illusoria a sua força cooperativa, ou então a impellir-os por privações a recorrer aos meios extremos que o direito á vida auctorisa, mas cujo emprego daria pretexto aos poderes publicos para applicar aos operarios desesperados medidas de rigor que legitimariam uma revolta.

A manobra não conseguiu os seus fins. Com uma perseverança e uma energia que impõem a admiração, as victimas do lock-out supportaram até aqui os soffrimentos de toda a especie que resultam da situação. Mas esse resultado não tem sido possível senão pela heroica abnegação d'aquelles dos seus camaradas que não foram attingidos pela diabolica aggressão dos exploradores, assim como pelos subsidios enviados pelos nossos irmãos de outros paizes.

As negociações entabuladas para pôr fim ao conflicto mallogaram-se pela perfidia dos patrões.

Com effeito, constatámos, antes mesmo d'essas negociações terminarem, que os nossos adversarios, contrariamente aos termos d'um projecto de conciliação que tinham declarado aceitar, preparavam a introdução de novos regulamentos d'atelier assim como a criação de gabinetes de informação, com os chamados *gabinetes negros*, aos quaes as patões deveriam fornecer todas as informações sobre os operarios que exploram, de modo a vigiar-lhes todos os passos. N'outros termos, queria-se um systema completo de *boyattage* contra os elementos suspeitos, isto é contra os operarios mais zelosos no trabalho de organização ou que de qualquer maneira possessem prejudicar os patrões. Acrescentae a isso a circumstancia do conselho da *União* dos paizes desmentir abertamente, pela imprensa, a promessa que tinham feito os seus representantes de concorrer para a redução do dia de trabalho e para realizar com lealdade o espirito do projecto de conciliação.

Desde o principio das negociações que nós protestámos contra todo o alargamento do lock-out. E eis que o orgão do governo annuncia que esse alargamento terá lugar um d'estes dias. Mas os operarios da Dinamarca estão promptos a apagar o golpe; estão dispostos a lutar até ao ultimo momento pela sua independencia.

Esta luta é um combate de guardas avançadas na batalha das classes sociaes; é pois do nosso dever resistir até que nos façam propostas acceptaveis. Os jornaes capitalistas atacam-nos todos os dias com verdadeira raiva; mas

pareciam ser personagens de grande importancia, de quem os outros formavam o sequito.

Não era difficil conhecer a condição e o caracter de um dos dois personagens. Era evidentemente um ecclesiastico de classe elevada; vestia o habito dos monges de Cister, mas fabricado de fazenda muito mais fina do que permitia a regra d'aquella ordem. A garnacha e o capuz eram do melhor panno de Flandres,—e cahiam em volta d'elle ás pregas amplas e graciosas, apesar das suas formas corpulentas. O seu aspecto indicava tão pouco uma vida de abnegação, como o seu habito o desprezo dos espleidores mundanos. As suas feições poderiam dizer-se regulares se, abrigado pelas sobrancelhas, um piscar d'olhos epicuriano e manhoso não revelasse um voluptuoso prudente.

nós temos a força do direito e da nossa solidariedade.

Contamos, pois, com o auxilio dos nossos irmãos do estrangeiro a fim de augmentarmos as nossas subscrições na propozção da extensão da luta.

Esperamos que a solidariedade internacional dos trabalhadores sustentará a prova e terminamos o nosso appello por um viva á organização dos operarios de todos os paizes.

Saude e fraternidade.

Em nome das Federações Cooperativas da Dinamarca

J. Jensen.

Ora ali tem os devotos de S. João Romão socialista uma occasião magnifica para provar o seu amor á causa socialista. O *Povo de Aveiro*, sem ser precisamente socialista, porque o estudo nos tem feito crear muitas duvidas sobre a realidade do collectivismo, o ramo mais forte do socialismo actual, o collectivismo, que ainda nos parece uma coisa muito problematica, que ainda nos tem muito em duvida sobre se será melhor ou peor que o actual individualismo, o *Povo de Aveiro*, dizemos, sem ser precisamente socialista, é, contudo, partidario da emancipação do povo e defenderá sempre os opprimidos e humildes. Acha justissimo que todas as classes se congreguem para defender os seus interesses, applaudindo a agremiação dos trabalhadores para resistirem com vantagem ás oppressões e tyrannias dos patrões, quando estas existam e existem muitas vezes. Por conseguinte, ser-nos-ha grato enviar para a Dinamarca todos os auxilios materiaes que os trabalhadores de Aveiro queiram conceder aos seus camaradas d'aquelle paiz.

Ter-nos-hão, para isso, á sua disposição.

ANNUNCIOS

BOM EMPREGO DE CAPITAL

QUEM pretender comprar a quinta do Torreão, proximo de Verdemilho, a dois kilometros de Aveiro e que margina com o esteiro e malhada de S. Pedro das Aradas, dirija-se a Manuel Nogueira ou José Gonçalves Gamellas.

A venda será feita em globo ou em lotes, facultando-se o pagamento para mais tarde, mediante o respectivo juro.

Vinho de Bucellas

VENDE-SE a 160 réis a garrafa no estabelecimento de

José Gonçalves Gamellas

Praça do Peixe—AVEIRO

Previne o publico que só affiança a qualidade do vinho vendido no proprio estabelecimento, para evitar que vendam com a mesma marca outra qualidade de vinho.

OFFICINA DE CALÇADO

DE

João Pedro Ferreira

AOS BALCÕES — AVEIRO

NESTA antiga e acreditada officina de calçado executa se com toda a perfeição tanto para homem como para senhora e creanças toda a qualidade de calçado o que ha de mais chic.

Garante-se a solidez e economia de preço.

Bicycleta

Em bom uso. Vende-se. Informa-se n'esta redacção.

TYPOGRAPHIA

DO

POVO DE AVEIRO

Encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e economia todos os trabalhos de impressão, taes como: cartões de visita, participações de casamento, mappas, facturas, livros, jornaes, etc, etc.

RUA DE S. MARTINHO

AVEIRO

De resto, a sua profissão e a sua classe tinham-lhe ensinado a modificar promptamente a expressão dos sentimentos, á qual podia imprimir um ar solemne, conquanto a physionomia exprimisse naturalmente indulgencia e bom humor. Com manifesto desprezo das regras do seu convento, dos breves dos papas e das prescrições dos concilios, as mangas d'esse dignitario da Igreja eram guardadas de ricas pelles, a sua garnacha estava segura em volta do pescoço por uma fivella d'ouro e todo o seu habito estava tão ataviado e ornamentado como o de uma bella *quaker* dos nossos dias, a qual, conservando a forma especial do vestuario da sua seita, imprime á sua simplicidade, pela escolha das fazendas e maneira de as empregar, um certo attractivo elegante, que

não é extranho ás vaidades do mundo.

Este digno ecclesiastico montava uma bem nutrida mula, que caminhava a passo travado, cujos arreios eram ricamente ajaezados e cujo freio, conforme a moda d'esse tempo, era guarnecido de campainhas de prata. (1)

Sobre a sella não tinha o ar desazado de um habitante de convento, mas patenteava a confiança e a graça de um cavalleiro adestrado. Na verdade parecia que aquelle divertido frade só se servia para fazer a jornada de uma cavalgadura tão humilde como é uma mula, apesar do seu passo agradável e commodo e d'ella estar bem

(1) As campainhas seguras ao freio ou a qualquer outra parte do apparelho das bestas eram um signal de distincção.

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barras e em pasta, estanho, pregos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó, vernizes, óleo, aguarraz, álcool, brochas, pinças, cimento, sulfato de cobre e de ferro, cloroeto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.
A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES
AVEIRO

AO COMMERCIO

E AO

PUBLICO

ALBINO PINTO DE MIRANDA, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o MANUEL MARIA—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café cru de diversas marcas, café torrado em grão e moído, avulso e empacotado,** por preços muito baixos, rivalizando com vantagem com as casas congêneres do Porto. As vendas são a prazo, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de lonça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços razoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 90 réis o litro, tinto; branco a 120 e 200 réis, sendo para consumir em casa do freguez.

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereas e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

AVEIRO

SAPATARIA AVEIRENSE

DE

Marques d'Almeida & Irmão

ADS BALÇÕES

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos

tratada; porque um irmão leigo, que fazia parte da comitiva, conduzia, para seu uso n'outras occasiões, um dos mais bellos ginetes que tinham sido creados na Andaluzia, e que os alquiladores faziam vir n'esse tempo, com grande risco e difficuldade, para uso das pessoas ricas e de distincção. A sella e o xairol d'esse soberbo palafrem occultavam-se sob uma comprida cobertura, que chegava quasi ao chão, e na qual estavam ricamente bordadas mitras, cruces e outros emblemas ecclesiasticos. Um outro irmão leigo conduzia uma mula carregada provavelmente com a bagagem do seu superior; e dois frades da sua ordem, mas de classe inferior, caminhavam na rectaguarda, rindo e conversando um com o outro, fazendo pouco caso dos outros membros da cavalgada.

O companheiro do dignatario da igreja era um homem de mais de quarenta annos, delgado, forte, alto e musculoso; de figura athletica, a que as fadigas continuadas e um exercicio constante parecia não terem deixado nenhuma das doces feições da forma humana, tendo supportado centenaes de penas e disposto a supportar outras tantas, achava-se reduzido a um amontoado de musculos, de ossos e de nervos. Tinha a cabeça coberta com uma gorra escarlata, guarnecida de pelles—da especie a que os francezes chamam *mortier* pela semelhança que tem com um almofariz voltado.

O seu rosto estava portanto inteiramente descoberto, e a sua expressão era propria para produzir nos estrangeiros um certo temor respeitoso, se não um verdadeiro ter-

ror. As suas feições, naturalmente accentuadas e de expressão energica, tinham tomado um tom queimado quasi tão negro como a côr de um preto, em virtude da sua exposição prolongada aos raios do sol tropical, e podia dizer-se, quando no estado ordinario, que dormitavam depois de terem soffrido o assalto de uma paixão; mas as veias salientes da sua frente e a promptidão com que o labio superior e o seu espesso bigode preto tremiam á mais leve commoção, indicavam claramente que era facil n'elle a formação da tempestade. Os seus olhos, acerados, penetrantes e sombrios, contavam n'um relance a historia das difficuldades que elle tinha vencido e dos perigos que tinha afrontado, e pareciam desafiar um obstaculo aos seus desejos para ter o prazer de o af-

fastar do seu caminho por um vigoroso esforço da sua coragem e da sua vontade. Uma profunda cicatriz n'uma sobrancelha augmentava ainda a dureza da sua physionomia e a expressão sinistra de um dos seus olhos,—o que fora attingido na mesma occasião e cuja visão, comquanto perfeita ficara desde então ligeiramente obliqua. O vestuario exterior d'este personagem parecia-se na forma com o do seu companheiro: era um comprido manto monastico, cuja côr escarlata, porém, mostrava que o seu dono não pertencia a nenhuma das quatro ordens regulares de frades. Sobre o hombro direito do manto estava talhada, em panno branco, uma cruz de forma peculiar. Essa capa occultava,—o que á primeira vista parecia inconsequente com a sua forma, uma cotta,

mangas e gantelates de malhas entrelaçadas artisticamente e tão flexiveis e justas ao corpo como se tivessem sido talhadas em um tear de meias com materiaes menos duros. As suas coxas, na parte que as pregas do manto deixavam ver, eram tambem guarnecidas da mesma maneira; os joelhos e os pés eram protegidos por delgadas laminas d'aço, engenhosamente sobrepostas umas ás outras; e as pernas eram resguardadas desde o tornozello até ao joelho por meias de malha, que completavam a sua armadura defensiva. Do cinto pendia-lhe um comprido punhal de dois gumes, que era a unica arma offensiva que trazia consigo.

Não montava uma mula, como o seu companheiro, mas uma ro-

(Continúa.)

ATELIER DE ALFAETERIA

DE

Joaquim Ferreira Martins
(O GAFANHÃO)

R. da Costeira—AVEIRO

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fitos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para vender.

Espera tambem por estes dias um grande sortimento de fazendas, o que ha de mais moderno, para a estação do inverno.

Como está tambem para chegar a epoca dos varinos já tem para isso as fazendas encomendadas.

Ficam d'isto prevenidos os nossos freguezes e amigos.

Hotel Cysne
Boa-Vista

AVEIRO

Recommenda-se pelo
accio e seriedade
com que se
trata

Excellente serviço
de meza

TRENS A TODOS
OS COMBOIOS

ROLÃO PALMA

ESTA farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Pelxe—AVEIRO

N'ESTE estabelecimento encontram-se vinhos finos desde 240 réis para cima; arroz da terra e estrangeiro. Tem tambem um variado sortido de bolacha das principaes fabricas de Lisboa e Porto, que vende por preços excessivamente baratos.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA
DE
Manuel Rodrigues da Graça
R. DA ALFANDEGA

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 3

AVEIRO

Duqui levarás tudo tão sobejo
(Luz. Com.)

Preços fixos

VINDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papellaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, sephora e creanças. Centro de assignatura de jornas de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Deposito de bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Mermoria**.

Lonças de porcelana, quinquillarias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e cordas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B. — Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

FABRICA A VAPOR

DE

MOAGEM DE TRIGO E MILHO

DE

Manuel Homem de C. Christo

Vendas de farinhas, sêmeas e arroz nacional.

Compras de milho, trigo e arroz com casca, tanto por junto como a retalho.

RUA DA ALFANDEGA

AVEIRO

TRENS DE ALUGUER

FERNANDO HOMEM CHRISTO

Rua da Alfandega

Aprendiz de typographo

ADMITTE-SE n'esta typographia um que saiba bem ler e escrever. Garante-se-lhe ordenado.